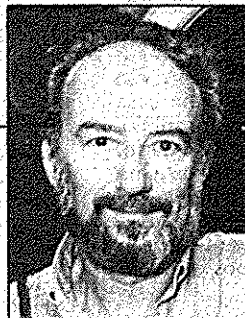


PRESIDENCIÁVEIS NA TV



Washington Novaes

Pobre Amazônia

A julgar pelo que tem sido dito até agora no horário eleitoral gratuito (e seus complementos nos jornais), também no próximo período presidencial estaremos longe de qualquer encaminhamento promissor para a questão da Amazônia.

Já se comentou aqui a insuficiência do que foi dito sobre o tema por alguns candidatos — Ulysses Guimarães, Mário Covas, Lula, Fernando Collor — todos eles com visões e propostas generalizantes, muito longe da complexidade da questão e de diretrizes realmente capazes de uma transformação radical e necessária na abordagem.

Nos últimos dias, chegou a vez de Brizola e Maluf. E não melhorou. Ao contrário.

Maluf não saiu do vago terreno de que "é preciso compatibilizar o desenvolvimento com a preservação da fauna e da flora", além de umas piscadinhas de olho para os quartéis, ao dizer que "não permitiremos a intromissão de ninguém nesse assunto".

Com Brizola, foi ainda pior. Num de seus comícios na região, o candidato do PDT veio com uma daquelas frases de efeito: "Nós vamos dizer aos interesses internacionais: tirem as mãos da Amazônia". O mais grave, entretanto, foi relatado por este CORREIO BRASILENSE (07/10/89), ao relatar as andanças de Brizola pelo Estado de Roraima. Ali, segundo o jornal, o ex-governador do Rio de Janeiro disse:

1 — Que é favorável à manutenção dos garimpos nas áreas que lhes são interditas, "porque é dos garimpos que sobrevivem hoje milhares de famílias".

2 — Que não se pode deixar de desenvolver a Amazônia, principalmente Roraima, "por conta das pressões internacionais que usam o índio como cobaia" para denunciar que o meio ambiente está sendo destruído. "Isso é tudo mentira".

3 — "Se o índio necessita de terras para viver em paz, nós vamos dar terras, mas só o necessário, sem exageros".

É de estarrecer. O candidato do PDT não pode ser a favor da invasão das terras dos índios Yanomami e de um parque nacional, em Roraima, porque isso é vedado pela Constituição e pela lei. E todos são obrigados a respeitar a Constituição e a lei.

Não é "mentira" que as invasões estejam acontecendo. Há dezenas de relatos fidedignos, de que entre 50 mil e 80 mil garimpeiros já se encontram lá e que os prejuízos são incalculáveis para os índios e para o meio ambiente. Só este ano já morreram mais de 30 yanomami, vitimados por doenças levadas pelos brancos. Sem falar na morte cultural. Se interesses internacionais são contrariados por isso, é outra questão. Que não pode e não deve ser confundida com a do índio e a do meio ambiente.

Quando às terras dos índios, que história é essa de "dar-lhes" terras "mas só o necessário, sem exagero"? As terras são deles, há muitos séculos (e no regime em que vivemos, qualquer pessoa se torna proprietária por usucapião, com uns poucos anos de ocupação, não são precisos séculos). Seus direitos são reconhecidos pelo artigo 231 e seus parágrafos da nova Constituição. E a própria Procuradoria Geral da República já reconheceu que a demarcação de suas terras, feita pela Funai quando era presidida pelo atual governador de Roraima, subtraiu dos Yanomami 7,5 milhões de hectares. Por isso, vai ingressar na Justiça. Mesmo, entretanto, que esses 7,5 milhões de hectares não pertencessem aos índios, estariam no perímetro de um parque nacional, igualmente protegido por lei e vedado aos garimpos.

O que não é possível, é pretender resolver problemas sociais gravíssimos do Brasil — como o dos garimpeiros, vítimas da miséria brasileira e explorados pelos empresários da garimpagem — à custa dos índios, explorados e massacrados há cinco séculos.

NO REBOLO

Avolumam-se os indícios de que a sucessão vai mesmo embolar neste primeiro turno. As próximas semanas — tal como pareceu desde o início do horário eleitoral e foi escrito aqui — talvez mostrem vários candidatos separados por margens pequenas uns dos outros nas pesquisas de intenção de voto.

Nesse quadro, não será surpreendente que até o candidato do PMDB se aproxime dos níveis médios. A rejeição que caracteriza sua candidatura, até aqui, é muito mais dirigida ao seu partido e à sua conduta no Governo e na convenção que à figura do candidato.

Agora, ajudado por um bom programa na TV, pela boa imagem pessoal (a tática do "velhinho" tem sido eficaz) e pelo vislumbre que os militantes do PMDB devem estar tendo — de que ainda é possível, se fizerem força —, pode ser que Ulysses ainda dê trabalho.

O QUADRO À VISTA

Esse e outros fatos recomendam que o eleitorado e os políticos brasileiros levem na devida consideração o quadro que se delineia — de várias forças políticas, como poderio aproximado, disputando a preferência do eleitor.

As eleições municipais de 1988 já haviam deixado indícios claros de que não havia mais força hegemônica na política brasileira — e

que isso abriria caminho, na prática, do pluripartidarismo, ao qual não estamos acostumados. Agora os indícios são ainda mais claros. E isso poderá significar a eleição de um presidente que não tenha mais de 20 ou 25 por cento do eleitorado, em composição com outras forças também minoritárias. E tendo do outro lado uma aliança de adversários provavelmente em divergência profunda com suas teses (vença quem vencer).

Teríamos, portanto, nessa hipótese, um presidente minoritário, se calçado numa aliança de forças diferentes do quadro que temos hoje no Congresso, onde os parlamentares estarão em fim de mandato. E tudo isso, em meio a grave crise econômica.

MALUF MODERNO

Maluf está mudando outra vez sua imagem no horário eleitoral. Agora, é o Maluf moderno, "clean", que trabalha em cima de paródias como a do primeiro sutiã (para falar do voto aos 16 anos) e do anúncio do Bombril (para dizer que também tem 1001 utilidades). Um Maluf eletrônico, que imita o plantão do Jornal Nacional com o Plantão do Presidente e faz clips das belezas do Brasil.

Deve ser sinal de que os resultados da campanha na TV não satisfazem até agora. Mas são mudanças demais em pouco tempo. A destacar, entretanto, a eficiência da vinheta que ensina a votar no número 11.

LEMBRETES

Não bastasse a musiquinha irritante, o PMB agora arranjou um coro em falsete que consegue piorar sua vinheta.

O PT também já estava em tempo de mudar aquela vinheta sobre a coleta de dinheiro dos operários da Volkswagen.

Afif está prometendo asfaltar as estradas vicinais brasileiras. Será que o candidato sabe que são centenas de milhares de quilômetros?

Collor levou dona Sara Kubitschek ao seu programa. O candidato do PLP levou seu pai, que ficou mudo.

O PMDB entrou para o time dos alarmistas na segunda-feira: "O brasileiro — disse o locutor do programa — começa a semana com um gosto de hiperinflação. O governo reconhece que perdeu o controle da situação". E Ulysses, sempre tão prudente, completou: "Tirem o pé do acelerador, se não vão levar o Brasil para o abismo". Será uma boa tática nesta hora?

E segue o mistério Zamir, agora recomendando: "Invista no Acre, a Suíça brasileira". Que será isso?